

## *Tomas Falsas* de Manuel Pereira Valcárcel: Versos que afrontam a desilusão sob o foco do cinema

María Colom Jiménez<sup>1</sup>

(...)  
 Chorai, chorai,  
 Poetas do meu país.  
 Troncos da mesma raíz,  
 Da vida que nos juntou.  
 E se vocês,  
 não estivessem a meu lado.  
 Então não havia fado,  
 Nem fadistas como eu sou.  
 Esta voz,  
 tão dolorida.  
 É culpa de todos vós,  
 Poetas da minha vida.  
 É loucura,  
 ouço dizer.  
 Mas bendita esta loucura,  
 de cantar e de sofrer.<sup>2</sup>

“Disappointment was a series of shadows each pointing to the other”. É esta frase de Hishman Matar de *In the Country of Men* (2006), que o escritor Manuel Pereira Valcárcel escolhe para abrir o seu novo poemário *Tomas Falsas* (Medulia Editorial, A Coruña, 2021). O volume de edição bilingue galego-espanhol –traduzido pelo próprio autor– vai acompanhado das ilustrações de Ana Cristina Lapiedra Argachal, que já ilustrara os últimos volumes do poeta Estradense.

Como o seu título e dedicatória inicial nos deixam entrever –“A María, que vadeou ríos de falsidade. E vive.”–, a falsidade do indivíduo e a desilusão para com as mentiras dos outros e para com situações que a própria vida nos depara, vão ser os temas centrais aos que Pereira canta neste seu último trabalho poético. Da mão de uma voz já madura e experiente, Pereira oferece-nos através de uma poesia sentimental, uma denúncia pessoal ao tempo

### TOMAS FALSAS

Manuel Pereira Valcárcel

Ilustrado por  
Ana Cristina Lapiedra Argachal



Versión original en galego con subtítulos en español

**MM**  
 MEDULIA  
 editorial

<sup>1</sup> Universidad Complutense de Madrid. Departamento de Estudios Románicos, Franceses, Italianos y Traducción. Correo-e: mcolomji@ucm.es. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6947-6224>.

<sup>2</sup> Trecho da letra do fado “Loucura” escrita por J. Frederico de Brito e composta por Júlio de Sousa.

que universal a tudo o que de superficial tem a vida. Denúncias, que em maior ou menor medida, todos sentimos a necessidade de acusar de vez em quando, mesmo que seja de portas para dentro por não encontramos em nós a força para verbalizar o sofrimento, a desilusão e o desgaste emocional que nos provocam as mentiras, as traições, a falsidade, as falsas aparências, as lutas de poder... Aspetos todos estes pertencentes à nossa quotidianidade, com os que –por desgraça para muitos– nos vemos obrigados a lidar constantemente no nosso dia a dia na sociedade atual. Manuel Pereira, sim, encontra nele próprio essa força para verbalizar e relatar poeticamente a desilusão e fazer essa profunda e honesta denúncia.

No dia 20 de outubro de 2021 às 19:30 horas teve lugar no Centro Galego de Madrid a apresentação de *Tomas Falsas*. Estiveram presentes na apresentação do livro em Madrid, o autor Manuel Pereira, a ilustradora do poemário Ana Cristina Lapiedra Argachal e María Colom Jiménez, professora da Universidade Complutense de Madrid. Rodeado de amigos, familiares e antigos alunos, Pereira contou como nasceu o poemário e como deu forma ao mesmo, enquanto se recitaram alguns poemas do volume.

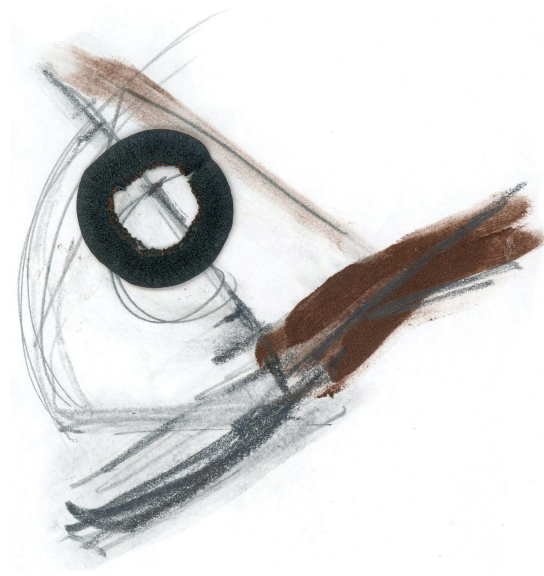


Posteriormente, no dia 10 de novembro de 2021 às 20:00 horas, *Tomas Falsas* foi apresentado na Filмотeca de Zaragoza onde desta vez Pereira e Lapiedra estiveram acompanhados pela filóloga Marta Marina Bedia. Está também prevista para dezembro deste ano a apresentação do volume em Ouzande (A Estrada) –terra natal do autor– onde estará acompanhado pela escritora, atriz e cantora galega Maite Dono.



Em *Tomas Falsas*, onde Pereira reúne oitenta e oito poemas que foi escrevendo entre Madrid, Ouzande e Zaragoza ao longo de cinco anos (2015-2020), a poesia encontra um lugar para ser expressada iluminada pelo foco do cinema. É precisamente desta maneira tão original que Manuel Pereira dá assas à sua paixão pelo universo cinematográfico e audiovisual, e, portanto, encontramos que os poemas neste volume se encontram organizados como pertencendo a uma produção cinematográfica. Logo, os constituintes cinematográficos de «Guión», «Casting», «Protagonista», «Actor secundario», «Dobre», «Script», vão dando título aos poemas. A poesia de Pereira, nesta ocasião, serve-se destes elementos de produção cinematográfica para analisar temas mais amplos mediante a utilização de uma linguagem simples, direta, rodeada de metáforas e de poderosas imagens. Encontramo-nos perante uma leitura amena, uns poemas com os que convivemos e com os quais nos identificamos. É precisamente essa sensação de que o desenvolvimento da vida pode ser sentido como se estivéssemos a viver dentro de um filme, o que nos transmite esta ingeniosa organização do poemário. Como se cada elemento, cada parte de uma filmagem cinematográfica tenha dado lugar a tratar temas da vida quotidiana utilizando a poesia em verso livre como forma de expressão.

Vemos como esse prefixo de negação que tantas vezes utilizamos: (des)ilusão, (des)amor, (des)assossego, (des)lealdade, (des)confiança, (des)ânimo, encontra-se latente nestes versos que são duros, mas sinceros. Pereira Valcárcel trata o tema da desilusão na sua totalidade, tendo em conta todas as suas vertentes e variedades.



A desilusão é provocada por uma diversidade de situações: desamor, traição, lutas de poder, falsas esperanças... Com este poemário sofremos desilusões e desamor, vemo-nos forçados a tolerar as falsas aparências e os artifícios que ocultam as verdadeiras intenções: “Demasiado artifício ocultando / as verdadeiras intencions” (Pereira Valcárcel 2021: 14). Encontramo-nos por vezes perdidos num labirinto de mentiras e de falsidade, fingimos nas nossas relações sociais e fazemos tudo com demasiado cálculo, “Hai demasiado cálculo, / demasiada imitación” (14), entrando assim na dinâmica imparável das falsas aparências. Esperamos coisas que finalmente não acontecem e vivemos com tristeza a retirada das máscaras dos outros. Sentimo-nos insignificantes, traídos, como meras “figuras decorativas” (19). Aprendemos que a queda desde o mais alto é inevitável em poemas como «Guest Star»: “Crerse o nivel máis alto, / o vértice máximo, cando / en realidade todo é empréstito, / ilusionismo e quizais caridade” (22). Notamos que só conhecemos um lado ou uma face das pessoas, e que temos de aprender a conviver com as desculpas que nos tentam dar após a retirada dessa máscara. O tempo passa, mas alguns fazem um esforço extremo por se manter sempre jovens, maquiando a sua máscara excessivamente. Neste poemário também convivemos com aqueles momentos da vida em que, de repente, há só silêncio, solidão, abandono, incerteza, insignificância: “Sobrevivir nunha ínfima cuadrícula / ao cinismo intransigente.” (41).

E, é certo que, nenhum de nós está realmente preparado para sofrer: “A proposta non era sufrir, / nin perseguir sospeitas, / nin soportar

unha fuga, / nin finxir máscaras de xeo” (18). Deparamo-nos também com o facto tão real de que só conhecemos um lado das pessoas que nos rodeiam e com essa dor que vem sempre da mão da decepção: “Non es ti quen fala. / Non es ti quen se oculta, / quen falsifica os naipes, / quen exalta as cadeas. / Non, non es ti. / Dicías, amor amor; / dicías, o teu corazón / é o meu refuxio” (23). Igualmente, sobressai a ideia de que a verdade, o real e a realidade são aspetos difíceis e raros de encontrar, “A realidade non é unha conquista doada”:

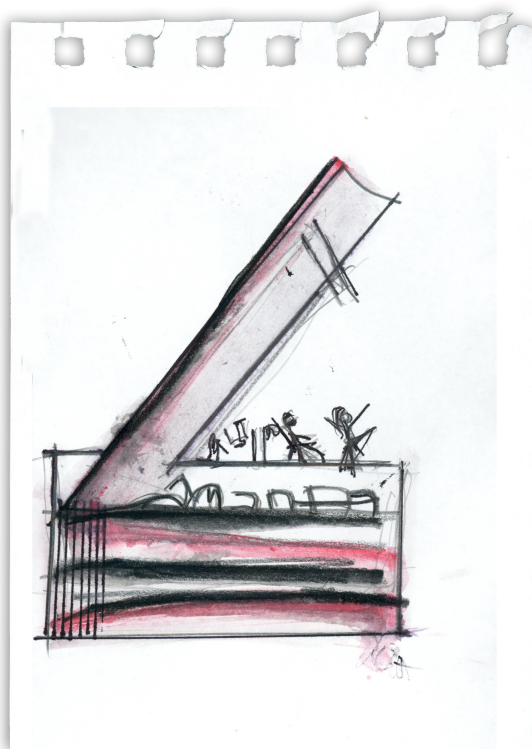
#### ILUMINACIÓN

O equilibrio é difícil,  
aínda que indispensable.

A escaseza sepulta,  
a demasía queima.

A realidade non é unha conquista doada. (26)

No entanto, não deixamos os leitores de ter a sensação de que de vez em quando há esperança. Encontramos versos iniciais ou finais e conclusivos de conselhos universais. Pereira anuncia-nos algumas lições de vida desde a experiência de quem já passou por muito e tem muito para contar: “Vivir esixe arquitecturas variables” (12); “Debería incluírse a vida entre os xogos de azar. / Talvez” (17); “Con frecuencia, a vida muda os papeis” (18); “A vida é un pulso contra a traxedia” (83); “O ouro é un metal enfático e severo. / A vida, unha



cadea de ocasións fortuítas” (88); “A vida é un conxunto de páxinas soltas que / non sempre paga a pena encadernar” (92).

Oxalá os lectores tenhamos a sorte de que Pereira nos continue a brindar por muitos anos a vir com poemários como este. Pereira pode ser situado sem dúbida como pertencendo a uma das vozes poéticas mais possantes da literatura galega e espanhola actual, uma das vozes mais sinceras, realistas e reconfortantes do noso país. Pereira é precisamente un exemplo desses ‘poetas do meu país’ evocados no fado ‘Loucura’: “Poetas do meu país. / Troncos da

mesma raíz, / Da vida que nos juntou”, sem os quais “não havia fado”. Tudo o que a poesia de Manuel Pereira Valcárcel nos ensina e a aprendizagem contínua que experimentamos através das palabras escritas que nos oferece, têm um valor notável na sociedade actual.

THE END

Soborda o convencional,  
rexeita a tradición,  
assume o risco  
e despexa as dúbidas  
cunha margarida de pólvora  
na sem. (105)